

A Folha d'Ovar

FOLHA POLITICA, LITTERARIA E NOTICIOSA

ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis
Com estampilha..... 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio.
Pagamento adiantado.
Annunciam-se obras litterarias em troca de dois exemplares.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — LARGO DE S. MIGUEL

DIRECTOR E RESPONSÁVEL

M. GOMES DIAS

PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.
Annuncios e communicados, 50 réis; repetições, 25 réis. — Annuncios permanentes, 5 réis.
25 p. c. de abatimento aos srs. assignantes.
Folha avulsa, 20 réis.

EXPEDIENTE

Prevenimos os nossos assignantes que vamos enviar os recibos para a cobrança do 2.º semestre. Pedimos porisso a alta fineza de os satisfazerem na apresentação, para regularidade do serviço de escripturação.

A administração.

Ovar, 11 de janeiro

As ameaças ao Soberano

Lê-se no *Primeiro de Janeiro*:

«Só com elle, o povo, nos queremos. Nem os interesses dos partidos, nem os interesses das instituições— nenhuns interesses emfim!— se antepõem, para nós, á sua causa, á causa santa da democracia.

Este jornal não está adstricto a nenhum partido: em nenhum tem praça assente: a nenhum deve favores ou pediu mercês. Tem combatido muitas vezes nas hostes do partido progressista, porque é o mais avançado dos partidos que se degladiam n'este paiz.

Se elle se afastar dos seus principios, arreda-se d'elle: se, um dia, atraiçoar o seu lemma e a sua vida fizer estremecer de vergonha, na sepultura em que jazem, os restos mortaes dos seus prestigiosos chefes d'outr'ora, este jornal combaterá os que infamarem uma bandeira honrada.

Um dia accusaram Armand Carrel, o grande e desventurado jornalista francez, de haver convertido o seu poderoso *National* n'uma arma violenta contra o governo de Luiz Philippe.

Armand Carrel, defendendo-se n'um d'aquelles pujantes artigos que faziam a sua gloria e que são ainda hoje o supremo modelo da polemica jornalística, rememora os conselhos que deu a Luiz Philippe todas as vezes que o

seu governo se afastava das obrigações que contraíra com a revolução que o creára, e finalisa assim a defeza: «—Quando se esgotaram todos os conselhos e o tempo caminhava, não restava ao *National* senão uma resolução a tomar: afastar-se da monarchia constitucional para se conservar, antes de tudo, fiel aos interesses do paiz.» Grandes e generosa; palavras são estas! Com ellas rematamos a nossa pallida prosa. Hoje, ao fazermos vinte e cinco annos de vida, estamos dentro da monarchia— e a nossa ambição mais querida é que, ao seu lado, possamos estar por muitos annos e em dia igual. Mas—antes de tudo!—, se ella esquecer os seus deveres, o *Primeiro de Janeiro* será pela causa do povo, fiel aos interesses do paiz. *Antes de tudo!...*»

Para que são estas injustas e inopportunas ameaças ao Soberano?

Não são para se lembrar de quaesquer deveres—mas para que no seu animo, o medo dos progressistas, dos amigos do jornal portuense, predomine sobre as indicações que os distanciam do poder—são exactamente para o contrario do que ahi se diz em trechos de rhetorica e dudidoso patriotismo.

Não deu ainda o sr. D. Carlos um motivo á suspeita de não exercer dignamente a sua alta magistratura, e ja o ameaçam com desertarem da monarchia?

E' o expediente usual e sabido dos *políticos avançados*, entre os quaes se alista o *Primeiro de Janeiro*—assás generoso para gratifical-os com esse titulo; mas d'esta vez vem tão fóra de proposito, que só revela a ambição impaciente.

A imprensa tambem tem responsabilidades, e o orgão dos *avançados* como é que as não esquece?

Como prefere a causa do povo aos governos e aos partidos?

Como se afasta dos chefes, se atraiçoam os seus lemmas, e deshonram a bandeira

dos Loulés e dos Braamcamps?

Será apoiando-os, como desde 86 a 90, quando exploraram o estado sob todas as fórmãs, empregos, monopolios, indemnisações, conversões, concessões áquem e além-mar, contractos, empresas, empreitadas, e sob a fórmula especial e caracteristica da outra-metade?

Quando com tudo isso, augmentaram a divida consolidada em mais de 54 mil contos, em mais de trinta mil a fluctuante, e em mais de nove mil as despesas annuaes, d'onde resultou a crise financeira, com a qual estamos luctando?

Quando acutilavam os comicios, e o primeiro chefe, «muito engraçado», chamava embaixadas japonezas ás commissões que iam levar a el-rei os protestos do povo?

Quando, usando dos processos cabralinos, tolhiam os direitos politicos a milhares de cidadãos, continuamente os vimos atraiçoarem os seus programmas e os principios da liberdade politica e da liberdade economica *que tanto sangue custaram aos nossos maiores?*

Então não se ouviam os conselhos e avisos do *Primeiro de Janeiro* ao Soberano.

Não o ameaçou com sahir da monarchia.

Era assim que preferia a causa do povo aos chefes do seu partido?

Quando a opposição nas camaras, se levantava para combatel-os, não por acinte partidario, mas sinceramente indignada contra tantos abusos e desatinos, o que se ouviu aos Armand Carrel do *Primeiro de Janeiro* foi esta voz:—*fechem isso*—referindo-se n'esta phrase d'escarneo e desprezo ao parlamento.

Demais, se para corrigir os governantes fosse preciso mudar de formas politicas, bem podiamos imaginar systemas e systemas de governo.

O exemplo de Armand Carrel é mal invocado para essas resoluções extremas entre nós. Não se dão em Por-

tugal os motivos que em França, no tempo e no conceito do grande democrata, havia para ellas.

Os defeitos do monarcha não são os defeitos da monarchia, mórmente na fórmula constitucional, na qual tem a nação os meios de se impôr ao rei e aos seus ministros.

Para as ameaças, o *Primeiro de Janeiro* finge uma suspeita, e ameaça na ideia de que o rei tema uma deserção tão significativa, como o jornal dos *avançados* julga ser a sua—e entregue o mando aos progressistas, em cuja defeza gasta o seu tempo.

Mas essas vagas ameaças são como bollas de sabão que se rompem nos ares.

Portugal tem o exemplo frisante do Brazil; e isso basta.

Se é precisa uma critica severa para os nossos homens publicos, tambem o é para os jornalistas—são estes que desvairam a opinião, e a illudem.

A. M.

SECÇÃO LITTERARIA

ALQUIAZES D'ALTAMALA

(Conclusão)

Que eu moro em Mirão, ninguem duvida; mas que gostei sempre de habitar em S. Gens, é um facto.

O gosto, o desejo, a vontade, tornou-se necessidade e marchei para alli. Breve, porém, me aborreci. Era porém aborrecimento, e não nostalgia. Depois de alli me ter installado n'um dos andares d'aquelles *Palacios confusos*, que antigamente tanto desespero causaram á casa onde está ainda o Benjamim, desespero que a fez crescer qual torre Eiffel, comecei a emburrar com as beatas essencialmente estupidas que por lá pullulam, e, por conseguinte soltou-se-me a lingua em considerações tão carregadas de fel e heresia (benza-nos Deus), que inspirei ao meu compadre a seguinte e impagavel phrase:—*se aquelle rapaz tivesse tanto de pezo como tem de feitto avassalava meio mundo.*

Ainda bem que não me puxa o genio para o absolutismo, e vai longe o tempo do feudalismo. Todavia eu não gostei da piada, puz-me a mal com o meu compadre, e occorreu-me viver n'aquelle casebre, abandonado, ao lado da igreja matriz, e deixar de rabiscar para o jornal, pois era uma das causas que

mais me faziam ou ganhavam inimigos.

Mas a quem entregar a pasta? Não encontrei. Resolvido, (*mutatis mutandis*, ninguem está bem senão onde não está), a mudar de terra, saltei para o *char-à-banc* do Macaco e gritei contente:—Cocheiro! Açoute n'esses cavallos. Rôda...

E foi por tudo isto, que, na semana passada, não tive o gosto de massar-vos, carissimos leitores. Agora, aqui, dou-me bem. Estou perfeitamente. Vivo só, se assim o quero, ou vivo com as flôres, e esse infinito azul, que é tudo. Penso, e leio em tudo que me cerca—Deus.

Ouçõ tocar para a missa d'alva. ou do dia; vejo acudir em massa os fieis e sair mansamente, da residencia, o parochõ, que, *in illo tempore*, conheci cavador d'enxada nas propriedades d'um tio, tambem padre.

Attento aos zuns-zuns d'alguns rapazes instruidos, ouço-os dizer que ha poucas terras em Portugal onde o fanatismo religioso tenha attingido tão elevadas proporções de hypocrisia e de retrocesso. Que conhecem padres que pedem beijõs ás confessandas e outros que são tão insistentemente seguidos por *ribeirinhas* filhas, que já descahiram no conceito em que os tinham.

Fallam, ameaçadoramente, d'um que não vai com a sollicitude e rapidez precisa, obrigatoria, ministrar o SS. aos moribundos, e que tendo marcado levantamento de prestitos funebres para uma hora, só comparece depois de terem decorrido, alem da hora marcada, duas ou mais horas.

Eu pasmava, mudo, quêdo, e asombroado. Não acreditava ainda. Padres, santos Ministros da chã e pura Religião Christã, procederem assim.

Impossibly! No, yes, no!
Tenho d'estes londrinos repentens. —Nem tão negro, amigo; nem tão negro, exclamei, approximando-me do grupo.

Chegara ao mesmo tempo que en o sr. A. M., rapaz de probidade e credito, ex-anti-padre, que me respondeu depois de inteirado do assumpto de que se tratava.

—Olá, meu velho! Admira-se? Pois não tem de quê. E se lhe não basta o que ouviu d'essa sucia chamada *padres*, a que concedo mui nobres e honrosas excepções, ouça isto...

O grupo cerrou-se, aproximaram-se as cabeças, tossiu-se, e ficaram todos, como eu, silenciosos e attentos. A. M., principiou assim:

Vocês, conhecem esse roupêta escura que pastoreia agora os nossos confrades? Sabem que era havido por um modelo de sacerdotes, e d'um tino por ahi alem?... Eu, porém, desconfiei sempre d'elle e fiz o meu juizo quando vi esse beaterio estúpido disputar-se a posse de tão sorridente especimen.

Não chegava para as encomendas o padre. Era um continuo mais a mim, mais a mim...

Conheci logo no bruto hexágono e lugubre, raro engenho hypocrita a desabrochar, com visos d'omnipotente arbitrariedade futura.

Chegou o dia—Foi na semana passada. F... que, vocês sabem, entretém relações amorosas e illi-citas com M... apresentou-se no templo com a irmã da rapariga, brazeira do rapaz n'esta Sibiria em miniatura, para servirem de padrinho e madrinha a um recém-nascido. Pois, o padre, negou-se a baptisar a creança, dizendo que não accitava taes padrinhos.

—O quê? pergunta um.

—Isto que te digo, respondeu A. M.

—E el niño de su madre?

—Não foi baptisado. Agora resta saber se foi no *Vade Mecum* que o *badameco* aprendeu tal auctoridade, se foi o *Sacerdote e Confessor approvado* que lhe facultou tal theoria.

O padre exorbitou dos seus poderes, commetteu uma arbitrariedade e um delicto.

Eu inqueri a medo:

—Mas elle não podia fazer isso?

Não sr., berrou A. M. Senão diga-me. Você sabe o que é uma tolerada?

—Perfeitamente, e mais o sr. padre.

—Pois no Porto apresenta-se uma tolerada e um ladrão para padrinhos de uma creança e não se atreve o padre a dizer, que os não aceita. E sabe porquê?

—Então?

Porque o padre tinha logo a paga do seu bom officio. A dar-se commigo, como sei que pôde haver trez ministros no baptismo, fazia de ministro de *necessidade*, e levava-9 passados dias ao baptismo civil; depois, salvo a corôa veneranda que encima o corpanzil jesuiticamente ajumentado do sujo e odioso padre assentar-lhe-ia como precisão mathematica (100 vezes por minuto) nas carnes balofas, com o seu bestunto, esta manopla, cerrada, solidamente cerrada. O facto foi vil, a desconsideração publica. Houve suppressão indigna, violação manifesta de direito civil, canonico, e religioso.

E voltando-se para mim:

—Ouça 'Stroi. Você escreve na «Folha d'Ovar», mas está velho. Ceda-me o seu lugar. Quero lá dizer duas cousas sérias. Estou talvez nas mesmas circumstancias do padrinho rejeitado, mas não n'as de deixar de ser padrinho de tão *reverendo* cura... d'almas.

E deixou-nos, ameaçador. Tão ameaçador que receei por as orelhas de pobre padre. Ora, verdade, verdade, se os padres tivessem juizo e o povo menos fanatismo, Rezende não perderia muito com isso, antes...

Mutatis mutandis. Volto para Mirão e entrego a pasta ao Augusto Maximo.

'Stroi.

UM CONTO VERDADEIRO

(Conclusão)

E elle tinha razão.

Aquella dadiua, tão disfarçadamente accete, não podia deixar de ser algum anel, e um anel dado por um manata a uma rapariga bonita, e de mais a mais em dia de feira, quer dizer muito. E seja dito em abono de Joanna que ella recebera a prenda com os olhos baixos e o pudor no rosto.

Seria receio de ser vista, ou satisfação disfarçada na modestia? Lá o que foi não o sabia o da Lourença; o que é certo, é que lá pela alta noite viu-se passar um vulto, negro como a sombra da morte e

agil como o soprar do vento. Faça-se ideia como elle ficaria, elle que já andava com a pedra no sapato, como dizia a tia Rufina, que d'esta vez dera no vinte.

E de mais a mais, a tal *alma do outro mundo*, que provavelmente não era outra cousa, quando passou junto ao da Lourença soltou uma gargalhada como elle nunca ouvira.

Isto passara-se como um sonho, porque quando elle olhou, sentindo ainda o som d'aquelle riso tão estranho, viu lá ao longe a correr o vulto negro; provavelmente tinha azas. E depois parou, como o milhafre quando avista o incauto passarinho passeiando na vargem, e bateu de manso a uma porta.

Quem era aquella alma perdida, que a taes horas sahia da campalão sem medo, para ir bater ás portas, não o sei eu; o que é certo é que a boa Joanna lhe appareceu, lhe fallou, e se não fosse o tão negro da noite, vêr-se-ia tambem o phantasma pousar lascivo beijo nas faces morenas da camponeza.

O que elles disseram ninguem o soube, mas d'ali a pouco o phantasma voltava, talvez ao tumulo, e não ia só, porque Joanna acompanhava-o com uma sem-ceremonia de pasmar.

Então é que o Antonio da Lourença ficou de bocca aberta; provavelmente a sua Joanna era muito peccadora, para ser assim sem mais nem mais levada por um phantasma.

E se o não fosse? E quando Antonio pensou n'isso, então é que elle ficou enleiado, e pôz-se a chorar, como o fazia quando tinha tres annos.

Depois foi para casa, e já se entende, dormiu sobre o caso.

No dia seguinte grande celeuma se ergueu entre os habitantes d'aquelle povoado, e a tia Rufina, pessoa aliás muito entendida, depois de sérias observações, declarou positivamente que, visto Joanna não apparecer, tinha fugido. Isto não tinha replica.

Depois d'aquella infausta noite, em que Joanna tinha desaparecido, ou como dizia a muito sabia tia Rufina, fugira, aquelle povo apresentava outro aspecto.

Nem danças, nem folguedos, nem cantares, interrompiam a tristura da noite, que se escoava, conservando o seu cortejo de trevas.

Até o bom do sachristão faltou ao toque das trindades por seus dez dias; o bom do homem adoeceu, como diziam alguns mal-intencionados, muito de proposito.

E o Antonio da Lourença, esse passava as noites a olhar para a casa onde morara Joanna e só voltava ao patrio lar depois de regar com lagrimas de saudade aquelle chão, onde elle tantas vezes folgara.

Causava pena vê-lo. Out'ora tão garrido e tão louçã, era o inimigo da tristeza; onde elle chegasse, nenhuma voz se erguia mais alto nem mais alegre.

Agora, triste e pesaroso, assimilhava-se ao padre Joaquim, que nunca se ria, nem erguia os olhos do chão, dizem que pelos remorsos que tinha.

Se aquillo não era amor, então, boas noites. Mas o melhor da passagem é que, enquanto o Antonio da Lourença vertia lagrimas de sangue tanto lá de dentro aquella má Joanna ria nos braços do seu amante.

Joanna deixara-se seduzir pelos requêbros apaixonados d'um tal Rodrigo, rapaz catita, que a levava para a sua terra.

Ora aqui está descoberta a bruxaria, e digam lá que as mulheres todas teem coração.

NOTICIARIO

O dia de Reis

Seguindo as velhas praxes, na quinta e sexta-feira passadas, ban-

dos de creanças, especialmente, passaram muitas horas da noite cantando os «Santos Reis» de porta em porta, esperando a remuneração dos seus tão innocentes e voluntarios canticos, em honra do Menino Deus.

A noite de sexta-feira apresentou-se de cara feia: chuva continuada e muita lama, louvado Deus!

Esse obstaculo não impediu que os magotes de *cantores e cantoras* se rissem do tempo carrancudo e da chuva imperinente.

Contra o costume, na chronica do Tribunal, nada temos que registrar.

Antes assim.

«A Voz d'Estarreja»

Entrou no 9.º anno da sua publicação este nosso collega a quem damos parabens e desejamos felicidades.

Sciencia dos Seculos

Sob esta epigrapha publicarse-ha brevemente uma obra illustrada, em cinco volumes, cujo auctor é o sr. Emilio Pimentel, official inferior do regimento n.º 18 d'infanteria do Principe Real.

Abstemo-nos de fazer a critica do seu trabalho, dando a preferencia merecida e auctorisadissima ao conceituado periodico portuense *O Commercio do Porto*, que a este respeito diz:

«Deve sahir brevemente uma interessante publicação, sob o titulo «Sciencia dos Seculos», original do sr. Emilio Pimentel. A obra, que tem uma extensa introdução é devida em tres partes, e trata de assumptos sociaes e do engrandecimento e regeneração da patria, tendo por baze a familia. Além d'isso, na obra consagrada a grande diversidade de assumptos, são transcriptos varios trechos de obras philosophicas, theologicas e poeticas, sobre a civilização de diversos paizes.»

Na competente pagina publicamos o annuncio respectivo, para o qual chamamos a attenção dos nossos leitores.

Partida

Partiu para a capital, aonde vae tratar de negocios particulares o sr. dr. Antonio dos Santos Sobreira.

Felicitações

Felicitamos o nosso amigo, sr. Domingos Bonifacio da Silva, intelligente empregado do commercio, em Lisboa, por ter passado o seu anniversario natalicio no dia 1 do corrente.

Chronica do Tribunal

A mãe da Mariquinhas, de Esmeriz, sr. Thereza Alves Ferreira, solteira, participou ao sr. delegado da comarca que os malvados Manoel Alves Ferreira, sua cara-metade e sua filhinha Maria, todos seus visinhos, apertaram o pescocinho, jogaram murros brutos e chamaram nomes feios á sua filha!

Theatro

A febre pelos theatros ateia se cada vez mais.

No domingo proximo deve subir á scena no theatro d'esta villa o drama *A Patria* e a comedia *Os*

Chouriços do nosso Professor, originaes do nosso querido amigo Francisco Rodrigues do Vallo, intelligente professor particular n'esta villa. Tomam parte os seus discipulos. Os ensaios vão adiantados.

A Patria já foi desempenhada pela extincta troupe *5 de julho*, obtendo n'essa occasião grandes e merecidos applausos, attendendo á occasião, á triste occasião em que a infame Inglaterra tanto nos flagellou e á sua linguagem correctã e brilhante.

Cremos bem que a rapaziada esperançosa ha-de esforçar-se muito para não desmerecer pela primeira vez que vão entrar em scena.

E' o que sinceramente auspiciamos aos bons estudantes.

Ninguem falte domingo ao theatro.

Retirou para o Porto a familia do sr. Julio Brandão.

Ausencia

Ansentaram-se para a Regoa os nossos amigos Antonio Pereira Carvalho e José Pereira Carvalho Junior.

Saudinha e venturas.

Nomeação

Foi nomeado professor da cadeira de Vallega o nosso amigo Domingos Mattos e Silva.

Parabens.

Passeio

Para a Bairrada partiu na quinta-feira o ex.º sr. Manoel Portovedo Junior, empregado da casa commercial — Silva Cerveira — d'esta villa.

Sua ex.ª conta demorar-se pouco tempo na sua viagem, o que de véras estimamos, e ao mesmo tempo agradecemos as noticias que nos prometteram enviar.

Transferencia

Para a comarca de Estarreja foi transferido o ex.º dr. Joaquim Pereira de Magalhães, juiz de direito, que por alguns annos foi delegado do procurador regio n'esta comarca. Aos estarrejenses damos os nossos parabens.

Restabelecidos

N'este estado se encontram os ex.ºs srs. dr. Eduardo Chaves e ex.º Manoel Joaquim Rodrigues.

Estimamos

Partidas

Para Coimbra, partiram os nossos amigos Arnaldo Fragateiro, Asi Cruz e Manoel Barbosa.

Para Aveiro José Barbosa e Pedro Chaves.

Para Albergaria-a-Velha, o nosso amigo dr. Augusto Barbosa, digno delegado do procurador regio.

Para Sabrosa, o nosso amigo dr. José Maria de Sá Fernandes, digno juiz municipal.

Necrologia

Falleceu na quarta-feira, dia 4, um sobrinho do sr. Francisco Pereira Carvalho, que era empregado na estação do caminho de ferro.

No domingo o sr. Francisco Rodrigues da Silva Popolim proprie-

tario da rua das Ribas, tio do nosso amigo Domingos Lopes Fidalgo. A's familias enlutadas enviamos os nossos pezares.

Mais uma victima

Morreu na quarta-feira a mulherzinha de S. Donato que se tinha entregado nas *unhas* d'uma curandeira, para fazer desaparecer o fructo do seu amor.

A respeito da curandeira até hoje ainda ninguem lhe poz a vista em cima.

Theatro

Consta-nos que a troupe «10 de Janeiro» tenciona levar á scena no nosso theatro a comedia em 1 acto — «Jeremias, «Juromenho e Jacobino», original d'um nosso amigo, além d'outras comedias.

Brevemente, segundo nos dizem, principiãrão os ensaios.

Que sejam felizes e que essa noite seja cheia de applausos aos jovens amadores da arte de Thalma.

A'vante rapazes, que as noutes são tão grandes...

Arrematação

Não nos consta que fosse posto em praça o fornecimento do petroleo, para illuminação publica.

Mais uma vez se verifica o adagio—entradas de leão... a respeito das promessas feitas pelo vice-presidente da camara antes de transportar as portas d'aquella casa.

Duas almas unidas

O nosso prezado collega, *Povo d'Ovar*, que ainda ha poucos mezes renegava o proceder do sr. dr. Alpheu, como administrador d'este concelho, dôe-se agora por umas referencias que de sua ex.ª fizemos na quinta-feira, por não nos conformarmos com a sua ausencia, á hora devida, no edificio do theatro d'esta villa, no dia 1 do corrente.

E por isso rememoramos aquelles tempos em que o elevavamos ao quinto céu com os nossos elogios!

Hade-nos perdoar o collega que o desmintamos.

Quando e quaes foram esses encomios?

Dissemos que o sr. dr. Alpheu era uma auctoridade digna e recta?

Não negamos; porém esse motivo não impede, nem pôde impedir que censuremos os seus actos ou os elogiemos, conforme o nosso modo de vêr.

Fez especie ao collega o periodo que transcreeu e que repetimos: Penaliza-nos dizer que o sr. dr. Alpheu não foi talhado para administrar bem o nosso concelho?

Porquê? A sua fraqueza de espirito e de energia que tem demonstrado durante a sua carreira como auctoridade administrativa d'Ovar, pede esta asseveração da nossa parte.

Do mesmo modo, tambem o sr. dr. Fragateiro não foi talhado para —politico á altura: firme, intransigente, sem ambições, e, todavia, é um —politico de todas as politicas!...

Quem diria que o sr. Fragateiro, perseguido vilmente do bando progressista depois de o abandonar, e constituir-se o braço direito do nobre chefe do partido regenerador d'esta villa, sr. dr. Aralla, retribuiria mais tarde e com a mais negra ingratidão o appoio e beneficios que elle lhe dispensou, atacando-o d'um modo impróprio, indigno, barbaro e fementido, ver-

almente e no seu jornal, por não ver realizado o seu ideal, a sua soffrega ambição — um diploma de deputado?...

Quem diria que o sr. Fragateiro, abandonado e repudiado do partido regenerador, só, sem prestigio, se havia de infleirar, novamente, no bando progressista, para ser elevado ao alto cargo de vereador, olvidando o que escreveu contra os srs. Soares Pinto, Cunha, Coentro, José Luciano, Mattozo e outros?

Os factos passados e presentes demonstram estas verdades.

Façamos agora um paralelo.

Quem diria também que o sr. dr. Alpheu Polycarpo Ferreira e Cruz, administrador d'este concelho, que, ainda no dia 23 de outubro do anno passado levantou «vivas entusiasticos» ao sr. dr. Aralla, acompanhava-o sempre, e sempre lhe tecia louvores, havia agora como é publico, de maldizel-o asperamente, taxando-o de nomes vergonhosos, d'um nome especialmente que jámais lhe pertenceu e hade pertencer?

Está declarado: esta auctoridade é de igual feitio do sr. Fragateiro, do articulista que já o defende no seu *Povo d'Ovar!*

Affirma este collega que na noite do espectáculo «ninguem ficou mal contente com o serviço da policia; que não houve, quer antes quer durante o espectáculo, o menor disturbio ou desaguisado.»

Quem escreveu isto foi sem duvida o mesmo sr. Fragateiro a quem culpam de permanecer durante todo o espectáculo inquieto! Não admira, pois!

Estes dois rivales d'out'ora estão unidos; agora escreve o sr. Fragateiro: «—Bem pôde o sr. administrador do concelho com essas piquinhas. Se fosse commosco desatar-lhes-íamos uma das gargalhadas; e em 9 de outubro passado, dizia: «—Começou a correr sangue. Originou-o a auctoridade administrativa com os seus demandos, para não dizermos com os seus crimes.»

Muito nos admira o sr. Fragateiro unir-se a criminosos!!!

Concluimos a resposta ao nosso collega *Povo d'Ovar*, dizendo que as duas almas unidas da terra são os srs. Fragateiro e Alpheu! Como são as coisas d'este mundo ingrato!

Sempre o mesmo!

Porque razão ou razões, se abstem o sempre insultuoso e repugnante *Ovarense* de nos responder, quando a elle nos dirigimos, serenos e delicados?

Na quinta-feira perguntamos a este... collega: O sr. Fragateiro, que é vereador, em outros tempos não era honrado?

Quando este firme politico bajulava o sr. dr. Aralla, defendia-o e defendia o seu partido, quem era e quaes as suas qualidades?

Responda-nos. E a resposta foi o insulto despropositado... proprio do *Ovarense!*

Sempre o mesmo!

Questão de direito

Não é de enfadonhas e pequenas questões como a de musicas, largamente discutidas entre nós e o nosso collega *Povo d'Ovar*, mas sim de um acto de justiça, de direito, de legalidade e de obrigação que vamos tratar.

E' sabido que este nosso collega, por paixões politicas e pessoas,

pôz-se em campo, tomando á sua defeza uma musica d'esta villa que deveria riscar a denominação «Boa-União», e passar a denominar-se—philarmonica «Fragateiro»!

Nós, impellidos por sentimentos mais nobres e mais justos, com todo o desinteresse e imparcialidade, collocamo-nos ao lado da razão —ao lado do sr. Antonio Maria Valerio, regente da philarmonica «Ovarense».

Apresentadas as razões de parte a parte, qual de nós é condemnado?

Appellamos para o criterio sensato da opinião publica — unico juiz competente.

Como desmentido á carta do sr. José Maria Valente Compadre, publicada no *Povo d'Ovar*, de 1 do corrente, apresentamos outra do sr. Antonio Maria Valerio, que se segue:

«Sr. redactor:

Peço a v. a grande fineza de dispensar-se um pequeno logar na sua *Folha* para responder, laconicamente, a uma carta do sr. Compadre, que vi no *Povo d'Ovar*, e que era referente á minha pequena individualidade.

Sr. redactor, os quatro cavalheiros, mezarios da irmandade do SS., na tarde de 27 de novembro passado, encarregaram o sr. Compadre de me chamar; e, reunidos em minha casa, estando presentes mais tres pessoas cujos nomes me não lembram, accordaram todos na combinação que havíamos feito

Ora, sabendo elles a verdade, é bem para admirar e para lastimar o descaramento acompanhado da ignorancia com que o sr. Compadre vem a publico desmentir por completo o que entre nós se passou.

A minha resposta, sr. redactor, para mais amplo conhecimento do publico, devia ser extensissima; mas não quero.

Responde por mim o silencio— a desforra mais digna que posso usar é—o desprezo!

Não mereço resposta uma carta *encomendada*, tão arditosamente escripta como é essa que o sr. compadre assignou.

Desculpe-me, sr. redactor, e creia-me sempre

De v., etc.,
Antonio Maria Valerio.»

O sr. Valerio diz bem: que não responde a cartas *encomendadas*.

Quantos a escrever e quantos a ditar a obra que o sr. Valente Compadre assignou, talvez com os olhos fechados!

Alli andou incenso sagrado!

Aviso importante

Pede-nos o nosso respeitavel e velho amigo, sr. Francisco Antonio Lopes, com um acreditado talho á entrada da rua dos Campos, façamos saber ao publico que, a começar de hoje, diminue os preços por que vendia a carne da aba e de peito; o arratel de carne da aba ou de peito, que até aqui custava 120 réis, passa a 100 réis.

Vinte réis, n'este anno economico denominado «Zé Dias», não se deve perder; por isso vão sem demora ao talho d'este nosso amigo.

Appoiado

Lembra o *Jornal de Anadia* a conveniencia de se reunir a imprensa da provincia para combater o decreto de 29 de dezembro, esse famoso decreto que nós vem expor os interesses mais caros, sendo approvedo.

A'quelle nosso collega applaudimos a louvavel, nobre e justa

ideia; e, do nosso lado, promettemos adherir ao convite que faz a todos os collegas do districto.

Nascimento

A espoza do nosso amigo, sr. José Rodrigues, negociante no Largo de S. Miguel, deu á luz uma creança do sexo masculino. Parabens.

Policia Civil

Foi rendido na terça-feira o destacamento de policia civil n'esta villa.

Anniversario

O nosso presadissimo collega *Districto de Aveiro* vem de entrar no 12.º anno da sua publicação. Felicitalmo-o.

Para a Regoa

Partiu para a Regoa o nosso amigo, sr. Antonio Pereira Carvalho. Saude.

CHRONICA

Uma lição

O logar de rabiscador de chronicas é um logar espinhosissimo porque tem um grave «contra»: o de não agradar a todos os paladares.

Ha, porém, d'entre essa infinita cadeia de taes *rabiscadores* alguns que se podem equilibrar, sem esforços difficeis, n'este posto, quando a luz clara da intelligencia lhes irradia o espaçoso cerebro e essa intelligencia soffre radical cultura. Este poderoso auxilio da Natureza, salpicado aqui e alem com uns leves pós de «chiste» variado e escolhido elevam, em pouco tempo, um *rabiscador* de chronicas a um —chronista perfeito, qual Bárnaba.

Eu jámais passarei alem de insignificante despretençioso *rabiscador* da provincia, porque o principal auxilio que, todos conhecem é imprescindivel, falha-me, como falha a muitos outros, excepção em que não devo incluir o chronista *espírituoso* e profundo do *Ovarense* que, por reconhecida ironia, me chama—collega.

Dispensar hoje em parte d'esta chronica as mais sinceras e merecidas honras, a um *estro* que desconhecia, tão raro e tão favorecido pelo seu «saber», e que é especialmente pela *esmeradissima* educação com que se apresenta pela segunda vez, dedicando parte da sua brilhante e *delicada* chronica a mim que consinto com todo o agrado e até com todo o desejo a sua critica desfavoravel e sobre tudo, finissima e que acompanharei com uns pobrissimos comentarios, rindo-me dos insultos que (permittam me a vaidade) immereço, mas que não tomo a mal, respondendo a elles com a arma mais digna—o desprezo.

Não tomo a mal, repito, o tom insultuoso do *brilhante e delicado* chronista porque o *Ovarense*, jornal que dá publicação aos *espírituosos* escriptos do sr. Lahora, só entram como colaboradores, creio sinceramente, pennas muito distinctas mas muito violentas e descortezes.

E' o que tenho a dizer—e já disse bastante por hoje—á ultima parte, ou ultimas partes, da chronica pedante, embora muito corre-

cta no tocante a grammatica e flôres escolhidas de estylo escolhido e adequado para escriptos d'este genero.

Volte o collega com a sua espada de fino critico; enseje por obter os louros do triumpho, que não lhe serão regateados pelos leitores que acompanharem as nossas replicas, cazo tenham começo, mas volte *delicado*: prove o seu talento e tambem a educação.

Terá estes dois apreciaveis predicados?

Pelo primeiro dou alguma coisa; pelo segundo... nem meio real.

Emfim... veremos se o arrasto, mesmo em unico refugio pela... (adivinhe o resto) ao caminho da honestidade

Tenho dito.

* * *

E esta? Por causa do menino do *Ovarense*, um menino que revela possuir muita *sabença*, muito *pedantismo*—qualidades naturaes em creanças pretenciosas! —entretive-me a dar-lhe uma singella lição—sua de civilidade, matando o tempo preciso para conversar com os leitores, só com o tal *pequeno* que apparece qual leão contra mim, como se eu fosse o cauzador do seu genio *terrivel!*

Ora esta!... Ora esta!...

Pois, leitores, tambem o meu genio foi superior á minha vontade: não pude deixar de reprehender o *pequeno*, chamando-o ao caminho do bem.

Talvez não fosse peor mandalo para a escola aprender a civilidade, talvez.

Mas então?

Este meu genio leva-me ás vezes a commetter imprudencias de que me arrependo, quando já não existe remedio algum!

Desculpa-me hoje.

Jayme.

CORRESPONDENCIAS

Rezende, 7 de janeiro

Meu caro Gomes Dias:

Accordei do somno em que jazia, ha tres semanas:—e vendo o numero 44 do seu jornal, deparei com um artigo litterario em que eu sou alta e sujamente deprimido. Francamente, o réles 'Stroi, seu auctor é pretencioso philologo, julgando achatar-me, achatou-se. No humilde pensar meu,—e creio que no de toda a gente de logica e de senso, o *grande philologo* ficará d'ora em diante, sendo considerado—o *magno charlatão philologo*. A' logica do artigo impõe-se:—banalidades, parlatices, uma montanha a parir um rato.

A esmo, sem proposito, bômbasticamente, falla em logica, explendidez de ideias, correccção de grammatica, em Bento José, padre Rozeira, Epiphaneo, etc. e propõe-se corrigir os erros, principalmente grammaticaes que eu der, mas os erros a que allude são erros mysteriosos que se perderam nos recessos da *intelligencia da glotologo charlatão*.

Eu só tenho que agradecer a sua boa intenção. Muitos bons desejos de tudo corrigir e nada corrige. O meu artigo não era certamente um primor litterario, nem tão pouco n'isso pensava; todavia, parecê-me que não era tão fecundo em asneiras que fosse necessario fazer surgir ou revoltar-se na sombra do seu jazigo o illustre padre José Agostinho de Macedo. Se isso melindrasse o glorioso extinto, o aspecto de tão eximio litterato talvez então dissesse indignado ao infatuado 'Stroi:—Deixa

o humilde e despretençioso Manéca, que escreve por passa-tempo, e vem tu, pedante réles, utilizar o *A B C* que lhe aconselhas, e sê discipulo antes de passares a mestre. No teu artigo, parlapatão, apenas se encontra logica em uma coisa:—ser escripto por um sapateiro e chebar a péz...

«Não vá pois, o sapateiro além da chinella»—disse Apellas.

Aproveita esta sentença. Contínua talhando botas ao bacharel e ao moço dos picos, faze-lh'as macias para que se não queixem dos callos, e deixa-me em paz; porque se o meu artigo e outros de igual quilate podem fazer enfermar Rezende, os teus, —Santo Deus!!! —podem precipital-a no tumulo, se persistires na triste ideia de passares de sapateiro réles a litterato.

Mas a quem ouviria o nosso sapateiro fallar de tantos egregios escriptores, de pintores tão transcendentales? Ao bacharel ou ao moço dos picos? a nenhum d'elles, decerto; mas, sem duvida, confiados d'algum cartapacio engraxado de cerol.

Não blasphemem, não envolvas ao acaso nomes tão venerandos na mixordia da tua linguagem. Não tenhas a louca pretensão de conduzir Rezende pela vereda da perfectibilidade, quando tu és o primeiro a andar fóra dos eixos.

Essa missão só pertence á evolução social.

—Está entre nós o nosso patriocio e bom amigo, dr. José Joaquim Pinto, juiz de direito na comarca de Vinhaes.

Tambem vimos hoje o ex.º Felisberto Pereira Pinto, da casa nova de S. Cypriano, e o nosso tio Francisco Pinto Borges, de Villa Nova.

—Partiram para Coimbra os dois bachareis—Albino Antonio d'Almeida Mattos, e Manuel Loureiro da Fonseca. Este é visinho do nosso sapateiro «Stroi»; e aquelle do nosso parente Christovam de lá de cima...

Que muito felizes sejam os dois sympathicos rapazes, que hão de ser a gloria d'este concelho, e viva tambem o nosso sapateiro «Stroi» charlatão.

—Está muito inverno; por isso... ponto final, e até á semana se o nosso sapateiro me não faltar com os butes..., acreditando sempre no seu inoffensivo.

Manéca.



GRANDES ARMAZENS DO
Printemps
NOVIDADES

Envia-se gratis e franco

o catalogo geral illustrado, em portuguez ou em francez, contendo todas as novidades para a **ESTAÇÃO de INVERNO** a quem o pedir em carta devidamente franqueada e dirigida a
MM. JULES JALUZOT & C^{ia}
PARIS
São igualmente enviadas franco as amostras de todos os tecidos que compõe os immensos sortimentos de **PRINTemps** especificando-se bem os generos e os preços.
Expedições para todos os paizes do mundo
Este Catalogo indica as condições para a expedição.
Correspondencia em todas as Linguas
CASA DE REEXPEDIÇÃO EM LISBOA:
TRAVESSA DE S. NICOLAU 102-1.

ANNUNCIOS JUDICIAES

ARREMATACÃO

(1.ª PUBLICAÇÃO)

No dia 29 do corrente, pelo meio dia, á porta do tribunal judicial d'esta comarca, na execução por custas movida pelo digno agente do ministerio publico contra Antonio d'Oliveira Santos, viuvo, do lugar de Casemes da freguezia de S. Vicente, e seus filhos e netos, vae á praça para ser arrematada por quem mais offerecer—uma morada de casas terreas com terra d'horta, pomar e mais pertenças, alodiaes, sitas n'aquelle lugar e freguezia, avaliadas em 80,000 réis.

São por este meio citados os credores incertos dos executados para usarem dos seus direitos.

Ovar, 7 de janeiro de 1893.

Verifiquei

O juiz de direito,

Salgado e Carneiro.

O Escrivão,

Antonio dos Santos Sobreira.
(74)

EDITOS

(1.ª PUBLICAÇÃO)

Pelo juizo de direito da comarca d'Ovar, e cartorio editos de quatro mezes a contar da segunda publicação d'este annuncio no *Diario do Governo*, afim de se poder dar á execução, na fórma do § 2.º do artigo 407.º do Codigo do Processo Civil, a sentença proferida no dia 7 do corrente mez e anno, na acção especial de petição de herança do ausente Antonio Nunes Coelho, requerida por Francisco Nunes Coelho, solteiro, Jacintho Rodrigues da Silva e mulher, Antonio Soares d'Almeida e mulher e José Fernandes e mulher, todos da freguezia d'Arada, a qual sentença julgou os auctores herdeiros presumptivos do referido ausente, para poderem haver toda a sua herança, sem caução.

Ovar, 10 de janeiro de 1893.

Verifiquei a exactidão

O juiz de direito,

Salgado e Carneiro.

O escrivão,

Eduardo Elysis Ferraz de
Abreu. (75)

ANNUNCIOS

Agradecimento

Profundamente penhorados para com as pessoas de quem recebemos cumprimentos e outros testemunhos de consideração e amisade, por occasião da doença, e fallecimento da nossa querida esposa, mãe, irmã e prima, agradecemos a todos por este meio, pedindo que nol-o desculpem e nos perdoem qualquer falta involuntariamente commetida.

Ovar, 23 de dezembro de 1892.

Domingos Manoel d'Oliveira Aralla.

Julia Augusta Estevam Aralla Pinto.

Maria Eduarda Estevam Aralla.

Maria Rita Estevam Aralla.

Maria Adelaide Estevam Aralla.

Manoel d'Oliveira Aralla e Costa.

Francisco Antonio Pinto.

Maria Custodia do Espirito Santo Azevedo.

José de Souza Azevedo.

EMILIO PIMENTEL

Sciencia dos Seculos

Obra illustrada, em 5 volumes

A *Sciencia dos Seculos* será distribuida, no Porto e em Lisboa, aos fasciculos de 32 paginas, ou 24 e uma estampa, pelo modico preço de 50 réis, pagos no acto da entrega.

Para as provincias a remessa será feita aos fasciculos de 64 paginas ou 48 e duas estampas, custando cada fasciculo 100 réis, franco de porte.

Recebe-se assignaturas nas principaes livrarias do reino. Toda a correspondencia deve ser dirigida, franca de porte, ao editor da *Sciencia dos Seculos*, rua de D. Pedro, 184—Porto.

NOTAS DE EXPEDIÇÃO

PARA ENCOMMENDAS

FEITAS PELA

COMPANHIA REAL

DOS

Caminhos de Ferro Portuguezes

Impressas nitidamente em bom papel. PREÇOS, por milheiro, muito rasoaveis. Ha sempre grande deposito na

Imprensa Civilisação

Largo da Pocinha, 73 a 77

PORTO

REBUÇADOS MILAGROSOS

ATTESTADO:

Pela inspecção da fórmula dos REBUÇADOS MILAGROSOS preparados pelo habil pharmaceutico o sr. Manoel Ferreira Mendes, convenci-me de que elles deviam ser de grande utilidade no tratamento dos PADECIMENTOS PULMONARES ACOMPANHADOS DE TOSSE. Por isso tenho prescripto estes rebuçados a muitos dos meus doentes, e os resultados obtidos, confirmando plenamente a minha expectativa, animam-me a aconselhar o uso d'este medicamento nas DOENÇAS DO APPARELHO RESPIRATORIO, AINDA NAS MAIS GRAVES, em que a TOSSE predomina.

Porto, 22 de julho de 1892.

José Rodrigues Leal de Faria.

Bacharel formado em medicina pela Universidade de Coimbra, medico sub-chefe do serviço de saude nos caminhos de ferro do Minho e Douro, etc., etc.



GRANDES ARMAZENS DO

Printemps

NOVIDADES

Envia-se gratis e franco

o catalogo geral illustrado contendo todas as novidades para a **ESTACÃO de VERÃO**, a quem o pedir em carta franqueada e dirigida a

MM. JULES JALUZOT & C^o

PARIS

São igualmente enviadas franco as amostras de todos os tecidos que compõem os nossos immensos sortimentos, especificando-nos o melhor possível os generos e os preços.

CASA DE REEXPEDIÇÃO EM LISBOA:

TRAVESSA DE S. NICOLAU 102-1.

Todas as encomendas expedidas por intermedio da nossa casa reexpedidora de Lisboa são franco de porte até aquella cidade, seja qual for a sua importância.

Para as outras localidades, as despesas de reexpedição são por conta dos nossos clientes.

As encomendas pedidas a Paris e acompanhadas de sua importância, podem ser expedidas directamente ao endereço do cliente, em tantos volumes postaes, franco de porte, quantas vezes 50 francos se contiverem na factura.

Para outras explicações veja-se as condições d'expedição nos nossos Catalogos.

PAPEL

De jornaes, formato grande para embrulho.

VENDE-SE

Ao kilo, a preço muito modico

Rua do Meio n.º 82—Porto

Loja de encadernador)

CARTÕES DE VISITA

160, 200, 240 e 300 réis

Na Imprensa Civilisação. Envia-se pelo correio, a quem enviar a sua importância adeantadamente.

Largo da Pocinha 73 a 77

CATALOGO DAS OBRAS

A' VENDA NA

Imprensa Civilisação

Largo da Pocinha, 73 a 77—PORTO

Dramas, comedias e scenas-comicas

<i>Cynismo, scepticismo e creença</i> , Cesar de Lacerda, comedia-drama original em dois actos (2.ª edição)	300
<i>O captivo</i> , (do mesmo auctor), canção original	50
<i>Henriqueta, a aventureira</i> , (do mesmo auctor), drama em 5 actos, com o retrato da heroína e 4 gravuras representando as principais scenas do drama	400
<i>Os homens que riem</i> , (do mesmo auctor), comedia em 3 actos	400
<i>Homens e feras</i> , (do mesmo auctor), drama em 1 prologo e 3 actos	400
<i>Os viscondes d'Algirão</i> , (do mesmo auctor), comedia original em 3 actos e 1 prologo dividido em 2 quadros	400
<i>O poder do ouro</i> , por Dias Guimarães, drama em 4 actos	500
<i>O Condemnado</i> , (do mesmo) drama em 3 actos e 4 quadros	400
<i>Theatro comico—Entre a flauta e a viola—A morgadinha de Val d'Amores</i> , (do mesmo auctor)	400
<i>A Judia</i> , por Pinheiro Chagas, drama em 5 actos	400
<i>Magdalena</i> , (do mesmo auctor), drama em 4 actos	400
<i>Helena</i> , (do mesmo auctor), comedia em 5 actos	400
<i>No pateo</i> (monologos e dialogos em verso) por Raul Didier, 1 volume	400
<i>Dá cá os suspensorios</i> , (do mesmo auctor), comedia em um acto	100
<i>Villão, o fugitivo da cadeia do Porto</i> , (do mesmo auctor), comedia-drama em 3 actos	200
<i>Ambos livres</i> , por Antonio de Sousa Machado, comedia em 1 acto	100
<i>Os homens de bem</i> , por Antonio Correia, drama original em 5 actos	300
<i>Tribulações d'um marido</i> , por João Coutinho Junior, scena comica original	100

Contos e historias diversas

<i>O verdadeiro livro de S. Cypriano</i> , traduzido do original por N. C. D.—Primeiro e segundo livro com estampas coloridas	500
<i>Arte para curar bois, vacas, borregos, porcos, cabras e outros animaes</i>	60
<i>Malicia e maldade das mulheres e a malicia dos homens</i>	40
<i>Historia dos tres filhos</i> , ou o gato das botas	20
<i>O noivado do sepulchro</i> (ballada)	20
<i>Auto da Muito Dolorosa Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo</i> , conforme a escreveram os quatro Evangelistas	60
<i>Auto de Santa Barbara</i> , virgem e martyr, filha de Dioscoro, gentio, em que fallam Santa Barbara, tres pedreiros, Dioscoro, pai de Santa Barbara, um anjo, dous Joutores, Marciano, um alcaide, e um auctião	40
<i>Acto intitulado Apartamento da Alma</i> , em que se contém duas obras admiraveis novamente dadas á luz:—A primeira contém uma pratica sentida entre o corpo e a alma, e a segunda o Rosario da Virgem Santissima	40
<i>Auto de Santa Catharina</i> , virgem e martyr, filha do rei go do de Alexandria, em o qual se conta seu martyrio e glorioso fim	40
<i>Auto do Dia de Juizo</i> , no qual fallam S. João, Nossa Senhora S. Pedro, S. Miguel, um Seraphim, Lucifer, Satanaz, David, Absalão, Urias, Caim, Abel, Dáilio, um vilão, um tabellião, um carneiro, uma regateira e um moleiro	40
<i>Auto de Santo Aleixo</i> , filho de Euemiano senador de Roma	40
<i>Auto de Santo Antonio</i> , livrando seu pai do patibulo	40
<i>O Judeu errante</i> (historia biblica)	20

Manaus, Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e outros portos do Brazil



Vendem-se passagens a preços muito reduzidos para todos aquelles portos dos Estados Unidos do Brazil.

Tambem se dão passagens gratuitas para os portos acima mencionados a individuos solteiros, homens ou mulheres e familias inteiras, ficando livres de quaesquer compromissos e podendo á sua vontade empregar-se em qualquer trabalho e residirem onde quizer.

Vendem-se tambem a preços commodos passagens para os diversos portos da Africa Portugueza, Occidental e Oriental.

Preparam-se todos os documentos necessarios e apromptam-se gratuitamente.

Dos seus amigos e freguezes esperam os abaixo assignados, agentes das companhias, se lhes dirijam para obter qualquer passagem.

Os agentes em Ovar,

Antonio da Silva Nataria
Antonio Ferreira Marcellino.

Porto—IMPRESA CIVILISAÇÃO—Largo da Pocinha, 73-77